

---

## **Entrevista ao professor Antonio R. Esteves, da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp - Assis, Brasil**

**ABEHACHE** Como você conheceu o professor Mario González e que relação teve com ele a partir de então?

Diferentemente de muitos hispanistas e professores de espanhol brasileiros, eu não fui aluno do professor Mario González na graduação. Cursei a licenciatura na Unesp de São José do Rio Preto, entre 1978 e 1981. Em 1983, fui à Espanha fazer um curso no Instituto de Cooperación Iberoamericana, que formou muitos professores brasileiros da minha geração. Ali tive como companheiros de turma vários ex-alunos da USP que me falavam do Mario. Uma colega desse curso, depois grande amiga, é a Maria Eunice Arruda, da Universidade Federal do Ceará, que foi orientanda do Mario no mestrado. Ela me apresentou o Mario durante o Segundo Congresso Brasileiro de Professores de Espanhol, organizado pela Associação de Professores de Espanhol do Estado de São Paulo (APEESP) e realizado na Universidade de São Paulo (USP) entre 23 e 26 de setembro em 1987, sob a coordenação geral do Mario.

Nessa ocasião, o Mario, que era o presidente, me convidou para me afiliar à APEESP. Aí começa nossa amizade e, desde então, de algum modo, minha vida acadêmica e profissional esteve sempre ligada ao Mario. Eu era professor de espanhol numa faculdade privada da zona leste de São Paulo, a Faculdade Cruzeiro do Sul, que mais tarde se transformou na Unicsul.

O Mario, como se sabe, foi o grande articulador da criação da APEESP e foi seu presidente em três mandatos, entre 1983 e 1989. No último deles, entre 1988 e 1989, fui eleito secretário. Em 1989, ingressei através de concurso na Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Campus de Assis, onde trabalho até hoje. Em 1990, fui eleito presidente da APEESP, sucedendo o Mario. Nesse mesmo ano, concluí o mestrado na Unesp de São José do Rio Preto e ingressei no doutorado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana na USP, tendo o Mario como orientador.

Acabei não fazendo nenhum curso com o Mario durante o doutorado. Mais que de professor e aluno, nossa relação foi de discípulo e mestre, de amigos. Principalmente de companheiros de jornada, na longa luta que foi (e continua sendo) a discussão sobre o ensino do espanhol no Brasil e as formas de implantar esse ensino. E, sobretudo, as idas e vindas do processo de inclusão

da língua espanhola no ensino fundamental e médio no Estado de São Paulo, desde a criação e implantação dos Centros de Ensino de Línguas pela Secretaria da Educação (1988-1989) até as peculiares formas de aplicação da Lei 11.161/2005 em nosso Estado, que duram até o momento.

Nos últimos anos, estive afastado da diretoria da APEESP, da qual nunca deixei de ser associado. Tenho estado mais presente nas atividades da Associação Brasileira de Hispanistas (ABH), desde sua fundação, em 2000. Da mesma forma que havia ocorrido na APEESP, também na ABH trabalhei ao lado do Mario participando das duas primeiras gestões como vice-presidente, quando o Mario era presidente. Mais tarde, como já havia ocorrido na APEESP, também vim a ser presidente da ABH, exercendo a dura tarefa de suceder o Mario. Digo “dura” porque o Mario sempre foi uma pessoa especial, com algumas qualidades particulares, impossível de ser substituído. Em ambos os casos, tratei de levar adiante as atividades iniciadas por ele. Não compete a mim julgar se tive êxito ou não. Tenho a tranquilidade de dizer que fiz tudo o que estava ao meu alcance para manter o mesmo nível da atuação dele.

Como orientando dele creio ter seguido, em linhas gerais, sua linha de pensamento e área de atuação. A proposta inicial que apresentei para o doutorado da USP, dentro dos estudos comparados, integrado a esse importante projeto desenvolvido por ele que era o de estudar as marcas da picaresca espanhola na literatura (e também na cultura) brasileira, acabou não sendo suficiente para uma tese de doutorado. Propiciou apenas um artigo, o primeiro texto meu publicado em uma revista no exterior. Ali tratava de apontar, seguindo as diretrizes traçadas pelo Mario, marcas da picaresca espanhola clássica na *Tetralogia amazônica* de Benedicto Monteiro (1924-2008), um intelectual paraense bastante conhecido nos anos 70.

Na proposta original de conciliar os estudos amazônicos com os estudos hispânicos, acabei desenvolvendo uma pesquisa sobre as relações entre literatura e história, com a leitura comparada de quatro romances históricos hispânicos que tratam do conquistador/aventureiro Lope de Aguirre como personagem literário. Sempre contei com a orientação firme e precisa do Mario, além de seu apoio pessoal e acadêmico.

Aliás, o apoio e a orientação do Mario são anteriores a meu ingresso no doutorado. Em uma carta de recomendação, dessas que os alunos pedem a seus professores (eu tinha intenção de fazer um curso na Espanha, da Ofines – Oficina Internacional de Información y Observación del Español), ele me apresentava desta forma: *“Conozco al profesor Esteves a través de su actuación profesional, y especialmente por haber integrado la directiva de la APEESP cuando yo era presidente de la misma. Actualmente, es él quien preside dicha Asociación y desarrolla un importante trabajo frente a la misma”* (15/03/1990). Isso é uma pequena amostra da generosidade do Mario, que tinha como

---

hábito prestar seu apoio aos alunos, orientandos e hispanistas brasileiros em geral.

A picaresca era uma paixão que ele transmitia e eu também me dediquei, ainda que indiretamente, a ela, uma vez que atuei no projeto de tradução do *Lazarillo de Tormes*, ao lado de Heloisa Costa Milton, minha companheira de trabalho da Unesp de Assis, também ex-orientanda do Mario.

É famosa entre seus amigos e discípulos a máxima do Mario de que nas “mesas quadradas” se discute melhor. Sejam questões acadêmicas ou políticas, mas especialmente político-acadêmicas. Pude compartilhar, juntamente com outros colegas, de muitas dessas mesas quadradas. Talvez por ser argentino de origem, o Mario era um enólogo especial. Como brasileiro de adoção, e conheci poucas pessoas que, como ele, conhecessem tão bem a cultura brasileira e amassem tanto este país, ele apreciava a caipirinha. Caipirinha tradicional, que ele gostava de preparar e sabia preparar como poucos, usando limão galego, já difícil de encontrar em nossas feiras. Essas conversas eram, então, acompanhadas de um bom vinho ou caipirinha.

Numas dessas mesas, em 1998, em Madri, por ocasião do XIII Congresso da Associação Internacional de Hispanistas, ali realizado, tivemos a ideia de fazer uma nova edição bilíngue do *Lazarillo*, pois aquela primeira edição, preparada pelo Pedro Câncio da Silva, da UFRGS, publicada pela Colección Orellana, da Consejería de Educación da Embaixada da Espanha, em 1992, também incentivada pelo Mario (e com sua “Introdução”), já estava esgotada há tempos. O Mario então propôs que usássemos a edição de Medina del Campo, de 1554, recém-encontrada juntamente com outros volumes do século XVI, emparedada em uma casa que se reformava, no povoado de Barcarrota, na província de Badajoz, em Extremadura. Assim, nessa mesa quadrada, tomando vinho e fantasiando sobre os mistérios dos livros desaparecidos, raros, emparedados e encontrados quatro séculos mais tarde, decidimos que ele faria um cotejo entre aquela edição, cujo fac-similar acabava de ser publicado (1996), e as demais edições, fixando o texto básico que seria traduzido por mim e pela Heloisa.

Assim surge, em 2005, o *Lazarillo* bilíngue, da Editora 34, traduzido por mim e pela Heloisa, com um belo ensaio introdutório feito pelo Mario que, além de fixar o texto e de escrever as notas, também organizou um quadro com as moedas espanholas do século XVI. A revisão da tradução esteve a cargo de Valéria De Marco. Quando saiu a segunda edição, em 2012, o Mario se encarregou de fazer os ajustes e atualizar os dados.

Alongo-me contando essa experiência para mostrar que a realização de trabalhos coletivos era uma das marcas do Mario, que sempre compartilhava com seus amigos, orientandos e colegas, seus projetos. Isso não é apenas a constatação de sua abnegação, que sim existia e era marca de sua perso-

nalidade: era principalmente resultado de sua crença em que os projetos acadêmicos ou políticos devem ser coletivos, contando com a participação de todos.

Sempre discutíamos questões relacionadas ao *Lazarillo*, especialmente as “descobertas” que de vez em quando causam *frisson* no âmbito hispânico, geralmente associadas a “novas teorias” sobre a autoria do livro ou novas fontes que tratam da questão. Em 2010, não foi diferente. Quando organizávamos o VI Congresso de Brasileiro de Hispanistas de Campo Grande, pedi ao Mario que fizesse uma conferência sobre a nova atribuição de autoria que então agitava os meios acadêmicos espanhóis. Foi uma das últimas vezes que tive a honra de compartilhar a mesa com ele (desta vez era mesmo uma mesa redonda), pois coube a mim apresentá-lo. Não preciso reiterar que o texto por ele apresentado, “*En torno al autor del Lazarillo de Tormes*”, impecável na forma, trazia considerações muito lúcidas e críticas sobre a controversa questão de se atribuir um autor às aventuras de Lázaro de Tormes apenas a partir de análises textuais.

**ABEHACHE Em sua opinião, que traços da personalidade do professor se destacavam?**

Um dos traços da personalidade do Mario que se destacam é a crença que ele sempre teve em trabalhos coletivos e a generosidade em compartilhar com os amigos, alunos e orientandos os projetos que tinha. O exemplo da edição bilíngue do *Lazarillo de Tormes* da Editora 34, que acabo de mencionar, é ilustrativo.

O Mario sempre teve a capacidade de contagiar os demais com suas paixões, fazendo com que as pessoas que o rodeavam embarcassem em seus projetos, fossem acadêmicos ou políticos. Dou outro exemplo: eu já conhecia a obra do Federico García Lorca desde a adolescência, nutrindo uma paixão especial pela sua poesia e por seu teatro. Eu mesmo, talvez por um excesso de paixão, nunca tive coragem de escrever sobre o escritor andaluz. No entanto, uma de minhas primeiras orientandas, a Luciana Carneiro Hernandes, fez um belo levantamento da recepção crítica da obra lorquiana no Brasil. É claro que o Mario colaborou bastante tendo participado da Banca. Outra orientanda (Sonia Regina Nogueira), na mesma época, estudou o mito do Dom Juan, com uma interessante leitura do *Don Juan* do Torrente Ballester. Não preciso reiterar que ambos os autores fazem parte de objetos de estudo do Mario, ficando evidente sua presença, mesmo que indireta em ambos os trabalhos. Uma de minhas últimas orientações de mestrado, de Stanis D. Lacowicz, concluída no ano passado, discute a picaresca e o mito de Dom Juan em romances históricos brasileiros contemporâneos.

Um dos resultados dessa capacidade de agregar que o Mario tem é o grupo de amigos, que dura até hoje, apesar das muitas baixas, que chamávamos de “Conexão USP-Unesp/Assis-UFF”. Foi um grupo de pessoas, em sua maioria orientandos do Mario, que se reuniu em torno a sua figura e que está na base de vários projetos e atividades, incluindo a criação da Associação Brasileira de Hispanistas (ABH).

No início dos anos noventa, vieram fazer doutorado na USP, por articulação do Mario, vários professores da Universidade Federal Fluminense (UFF), de Niterói: Lygia Peres, Suely Reis, Magnólia Barbosa, Márcia Paraquett e Lívia Reis, todas orientandas do Mario, com exceção da Lívia. Fazia parte desse grupo também outra pessoa maravilhosa, com grande sensibilidade, imensa capacidade de trabalho e de articulação que foi o André Trouche. Apesar de não ser aluno da USP, uma vez que fez seu doutorado na UFRJ, o André era um dos articuladores do grupo e estava sempre presente. Grande amizade nos uniu desde então e ainda nos une, apesar de que o Mario e o André já não estão entre nós e muitas das colegas já estão aposentadas. A Heloisa Milton e eu éramos a ponta no Oeste Paulista, nesse triângulo que, de alguma forma, ainda funciona.

Da articulação entre colegas da USP, da Unesp e da UFF, depois de muito se discutir o rumo que tinham tomado os Congressos Brasileiros de Professores de Espanhol – que, por aquela época, estavam sendo usados por livrarias, editoras e entidades diversas como espaço de propaganda e comercialização de seus materiais (e de suas ideologias também) – surgiu a ideia de criar outro espaço acadêmico, onde pudesse se discutir a pesquisa científica e acadêmica na área dos estudos hispânicos no Brasil. Era um momento em que o espanhol estava em plena expansão e esse grupo pensava que a pesquisa deveria ser o eixo sobre o qual essa expansão deveria se realizar.

Desse modo, também em uma mesa quadrada, também em Madri, em 1998, com a presença de professores do triângulo USP-Unesp-UFF, também acompanhada do bom vinho e de muita discussão, teórica e prática, nasceu o projeto de fundação da Associação Brasileira de Hispanistas (ABH), seguindo mais ou menos o modelo das várias associações de hispanistas existentes mundo afora. O exemplo maior talvez fosse a própria AIH (Asociación Internacional de Hispanistas), à qual vários dos professores presentes eram (e ainda são) associados, principalmente devido ao incentivo do Mario, que participava de seus Congressos há vários anos.

A partir daquela discussão de 1998, no ano seguinte, durante o VIII Congresso Brasileiro de Professores de Espanhol realizado em Vitória/ES, foi oficializada a proposta de realização do “Primeiro Congresso Brasileiro de Hispanistas”, durante o qual seria criada oficialmente a ABH. O Congresso foi realizado na UFF, entre 8 e 11 de outubro de 2000, organizado por uma co-

missão coordenada pelo André Trouche e pela Livia Reis, da qual também participavam a Lygia Rodrigues Vianna Peres, a Magnólia Brasil Barbosa do Nascimento e a Marcia Fernandes Paraquett. Assim, a ABH, fundada no dia 11 de outubro de 2000, teve o Mario, seu principal idealizador e grande articulador, eleito como primeiro presidente.

Também devemos ao Mario o conceito de “hispanismo” que foi adotado, e que era praticamente o mesmo usado pela Associação Internacional de Hispanistas: uma área que abrangesse os estudos de língua espanhola e das literaturas, culturas, história e arte dos países de língua espanhola. Tal conceito, com poucas alterações, é utilizado pela ABH até o momento.

Ainda dentro dessa capacidade de articulação do Mario, está sua consciência como formador de novos profissionais. No Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, do qual foi um dos articuladores e do qual participou, desde a fundação do programa, em 1978, até sua morte, encarregou-se da formação de 24 mestres e 14 doutores, que hoje atuam em diversas universidades em praticamente todas as regiões do país. Estes são, por sua vez, responsáveis pela formação de outros pesquisadores e professores da área.

**ABEHACHE Sobre o lugar ocupado pela pesquisa acadêmica do professor Mario González nos estudos da Literatura Espanhola realizados no Brasil, quais você julga serem suas contribuições e seus trabalhos mais relevantes?**

A produção acadêmica do professor Mario González está articulada em duas áreas centrais dentro da Literatura Espanhola, nas quais desenvolveu vários projetos, que resultaram em diversas publicações e pesquisas que desencadearam dissertações de mestrado e teses de doutorado. A essas duas áreas pode-se acrescentar uma terceira, associada de modo indireto às duas anteriores, que são os estudos comparados e a tradução.

A primeira dessas áreas trata da “Literatura Espanhola do final da Idade Média ao século XVII”, na qual está alocado seu projeto mais importante, de acordo com meu ponto de vista, que são os estudos sobre a picaresca espanhola e suas projeções na literatura brasileira. Para mim, esta é a principal contribuição teórica do Mario aos estudos hispânicos e à literatura comparada no Brasil (e também no âmbito do hispanismo universal). Seu livro *A saga do anti-herói* (1994), do qual já havia saído uma espécie de antecipação sintética, que é *O romance picaresco* (1988), e que foi resultado da pesquisa que lhe rendeu o título de Livre Docente pela USP, é o marco principal dessa pesquisa. Creio que é muito importante o trabalho de comparação desenvol-

vido pelo Mario e por vários de seus orientandos sobre as leituras do núcleo clássico da picaresca espanhola realizadas em vários âmbitos da literatura brasileira e sua aproximação ao que se convencionou chamar no Brasil, a partir de Antonio Candido, de “romance malandro”. Segue sendo uma leitura válida e uma porta sempre aberta aos que se dedicam à comparação entre a literatura espanhola e a literatura brasileira. O Mario era muito consciente de que os estudos hispânicos seriam muito mais ricos em nosso país se fossem realizados sob a ótica da comparação com a literatura e a cultura brasileiras.

Uma síntese desse projeto amplo de estudo da literatura espanhola do final da Idade Média até o século XVII aparece no livro *Leituras de Literatura Espanhola (da Idade Média ao século XVIII)*, obra de fundamental importância na formação de futuros pesquisadores da literatura espanhola. Nela, temos a preocupação do Mario não apenas com a pesquisa mas também com a transmissão do conhecimento, uma vez que esta obra está pensada como uma espécie de manual para os Cursos de Letras com habilitação em espanhol, contribuindo com a qualidade na formação de professores de espanhol.

Na outra ponta do espectro, o Mario de certa forma nunca abandonou o período por ele estudado em sua tese de doutorado e que resultou em seu livro *El conflicto dramático en Bodas de sangre*, publicado em 1989. Essa pesquisa segue em duas direções: seus estudos sobre a obra de Federico García Lorca em si e seus estudos sobre o teatro espanhol do século XX. Seu último livro, publicado postumamente é *A trilogia da terra espanhola de Federico García Lorca*, uma espécie de síntese do pensamento do crítico sobre o tema.

Mais que estudos específicos de literatura espanhola, eu diria que a maior riqueza dos estudos do Mario é sua particular visão da comparação, na qual se nota uma consciência muito clara da necessidade de se trabalhar com a diversidade cultural e o diálogo entre obras, gêneros, culturas e linguagens. Talvez pelo fato de ter sido um intelectual da diáspora, tratando de encontrar sua identidade em um entrelugar cultural, em seu pensamento é basilar o diálogo entre identidade e alteridade, num processo de constante negociação, plena de trânsitos entre fronteiras culturais. Penso que este é o ponto mais forte de seu legado, associado indiretamente aos estudos culturais contemporâneos, e que demonstram a atualidade de suas abordagens.

**ABEHACHE** O professor Mario González desempenhou um papel político importante tanto nas instâncias universitárias – como professor da USP – quanto no cenário do ensino de espanhol e do hispanismo no Brasil. Você acompanhou sua atuação política? O que poderia destacar?

Como é do conhecimento de todos, o professor Mario González sempre teve uma atuação política contundente, em especial com relação ao ensino do espanhol do Brasil. Primeiro, foi um defensor incansável da necessidade do ensino da língua espanhola e suas culturas em nosso país, rompendo uma série de lugares comuns que habitavam (e ainda habitam) o imaginário nacional e que chegam, às vezes, à própria universidade. Da mesma forma, consciente de que esse ensino está diretamente relacionado com a necessidade de uma educação eficiente em nosso país, sempre atuou em defesa de um ensino de qualidade, cujo núcleo central, além das condições mínimas a serem garantidas pelo Estado, está na formação de profissionais qualificados.

Exemplo dessa linha de pensamento é a dedicação de mais de meio século nessa luta, o que incluiu a criação e atuação em duas Associações reunindo tanto profissionais da Educação na área dos Estudos Hispânicos, quanto pesquisadores em um âmbito mais acadêmico. Refiro-me à APEESP e à ABH, ambas criadas por seu empenho pessoal e sua capacidade de agregação e de liderança. No âmbito dessas associações, o professor Mario militou durante três décadas, defendendo suas ideias com grande energia. Conforme relatei nas páginas anteriores, acompanhei boa parte dessa atuação, tratando de colaborar para manter viva essa chama.

**ABEHACHE Tendo em conta o pensamento e as ações do professor Mario González, o que você diria que deve ser lembrado?**

A atuação do Mario González, como professor, como intelectual e como militante em defesa da educação de qualidade que inclua o direito dos alunos de ter acesso a uma língua e uma cultura estrangeira que lhes permitam construir uma identidade sólida a partir do contato com a diversidade, é um perfeito exemplo de integração entre a pesquisa acadêmica e a luta social.

Nesse sentido, creio que ele será lembrado como um intelectual que soube conciliar de modo exemplar a qualidade da pesquisa, o magistério consciente e responsável e a militância como forma de defender os ideais nos quais sempre acreditou e que tinha a capacidade de transmitir àqueles que tiveram a sorte de trabalhar com ele ou de estar, de algum modo, a seu lado. É uma energia especial que certamente não desapareceu e continuará circulando no âmbito dos estudos hispânicos em nosso país.

\* \* \*